

A photograph of a white domed building, likely a church or chapel, viewed from a tiled roof. The building features a large white dome and a bell tower with a bell. The sky is clear and blue. The text "SERPA DE GUADALUPE" is overlaid in white capital letters at the top.

SERPA DE GUADALUPE

GRUPO CORAL E ETNOGRÁFICO DA CASA DO POVO DE
SERPA

Ficha Técnica

Gravação - MG ESTÚDIO

Técnico de Som - RUI GUERREIRO

Assistência - LUÍS MELGUEIRA

Gravação - 27/02/2000 - Casa do Povo de Serpa

Mistura - MG ESTÚDIO BEJA

Serpa de Guadalupe

Senti assim que cheguei
Apertar-me o coração
Cantando p'ra ti chorei
Tal é a minha paixão

Oh! Serpa de Guadalupe
Das muralhas casas brancas
Dos poetas e pastores
Dos cantes até às tantas

Não se cansam as gargantas
Dos teus filhos a cantar
São preces à Santa Mãe
Ao teu encanto sem par

Senhora de Guadalupe
Cantando te vou rogar
Esse milagre tão lindo
A Serpa um dia voltar

Barco à Vela

Lá no meio daqueles mares
Ouvem-se grandes gemidos
São os tristes marinheiros
Quando se vêm perdidos

Já lá vem o barco à vela
Só o meu amor não vem
Não se lembra aquele ingrato
Duma rosa que cá tem

Duma rosa que cá tem
Duma rosa tão catita
Já lá vem o barco à vela
Só o meu amor lá fica

Menina Florentina

Suspirava por te ver
Já matei a saudade
Uma ausência custa muito
A quem ama na verdade

Oh! menina Florentina
És a flôr que meu peito domina
Seu amante delirante
De viagem chegou neste instante

Já cá está o tiro-liro-liro, tiro-liro lé
Já cá está o tiro-liro-liro, tiro-liro lá
Já cá está o tiro-liro-liro, meu amor
Tiro-liro-liro, abre as portas,
Oh! branca flôr

Graças a Deus que chegou
Quem eu desejava ver
Deu palavra não faltou
Assim é que deve ser

As Mondadeiras Cantando

Quantas papoilas se avistam
Além naqueles trigais
Tantas quantos beijos deram
Mondadeiras e zagais

As mondadeiras cantando
Suas penas, seus amores
Não cantam, estão rezando
Num altar cheio de flores

Num altar cheio de flores
Cada uma é um desejo
Ao anjinhos são pastores
A capela o Alentejo

Seara linda seara
Mondada com tanto gosto
És verde na Primavera
E loira no mês de Agosto

Olha a noiva se vai linda

Compadre já te casaste
Já o laço te apanhou
Deus queira que sempre digas
Se bem estava, se bem estava, melhor estou

Olha a noiva se vai linda
No dia do seu noivado
Também eu queria ser
Também eu queria ser
Também eu queria, também queria,
Ser casado

Olha a noiva se vai linda
Olhando pró seu vestido
Deixa pai e deixa mãe
Vai viver, vai viver com seu marido

Lírio Roxo

Ao romper da bela aurora
Sai o pastor da choupana
Meu lírio roxo
Sai o pastor da choupana

Gritando em altas vozes
Muito padece quem ama
Meu lírio roxo
Muito padece quem ama

Badajoz tem lindas damas
Portugal também as tem
Meu lírio roxo
Chilro, bilro, bilro
Olaré meu bem

Ai que praias

Nas ondas do mar lá fora
Tenho eu quem me queira bem
Não é na primeira onda
É na segunda que vem

Ai que praias tão lindas tão belas
Era meia noite eu estava a sonhar
Assentado no barco mais ela
Namorando à beira mar
Assentado no barco mais ela
Namorando à beira mar

Oh! luar bisbilhoteiro
Não me venhas espreitar
Quando estou com meu amor
Num barquinho a namorar

Aurora tem um menino

Uma mãe que um filho embala
Oh! meu lindo amor
Às vezes põe-se a chorar
Oh! meu lindo amor. Oh! meu lindo bem
Só por não saber a sorte
Oh! meu lindo amor
Que Deus tem para lhe dar
Oh! meu lindo amor. Oh! meu lindo bem

Aurora tem uma menino
Mas tão pequenino
O pai quem será
É o Zé da Daroeira
Que vai p'ra Figueira
Mais tarde virá
No adro de São Vicente
Onde há tanta gente
Aurora não está
Cala-te Aurora não chores
Que o pai da criança
Mais tarde virá

Mulatinhas

Se eu tivesse amores
Que me têm dado
Tinha a casa cheia
Até ao telhado

Estando eu à porta sentado
Gozando do fresco
Sem ser namorado
Passam certas mulatinhas
Cabelo à janela, todas catitinhas

Senhor que me diz, senhor que me quer
Serei seu benzinho se você quiser
Pois venha cá, eu não vou lá
Já fui à Baía, meu bem ao Pará

Lá vai Serpa, Lá vai Moura

O homem nunca devia
Sua existência acabar
Nem nunca se fazer velho
Para sempre namorar

Lá vai Serpa, lá vai Moura
As Pias ficam no meio
Em chegando à minha terra
Não há que haver arreceio

Não há que haver a receio
Lá vai Serpa lá vai Moura
Lá vai Serpa lá vai Moura
As Pias ficam no meio

Não é tarde não é cedo

Oh! luar da meia noite
Não venhas cá ao serão
Que as meninas de hoje em dia
Querem escuro e luar não

Não é tarde não é cedo
Vieste mesmo a boa hora
Meu pai já está deitado
Minha mãe deitou-se agora

Quem quer bem dorme na rua
À porta do seu amor
Faz das pedras cabeceira
Das estrelas cobertor

O Passarinho

Quando o rouxinol padece
Uma ave tão pequena
Que fará meu coração
Coberto de tanta pena

Ao romper da bela aurora
Eu ouvi o passarinho
Lamentar sua desgraça
Pousado nesse raminho

Pousado nesse raminho
Olhando para quem passa
Eu ouvi o passarinho
Lamentar sua desgraça

Oh! Serpa pois tu não ouves
Os teus filhos a cantar
Enquanto os teus filhos cantam
Tu Serpa deves chorar

Tenho Barcos Tenho Remos

Quem embarca, quem embarca
Quem vem lá no mar quem vem
Quem embarca nos meus olhos
Olé menina olé, que linda maré que tem

Tenho barcos tenho remos
Tenhos navios no mar
Tenho um amor tão catita
Olé menina olé, não me deixam namorar

Não me deixam namorar
Não me deixam comparecer
Se eu com ela não casar
Olé menina olé, com outra não há-de ser

Salsa Verde

Fui dispôr a salsa verde
Lá fora nos olivais
Para ver se te esquecia
Cada vez me lembrás mais

Alecrim, salsa verde aos molhos
Oh! tirana
Alecrim, salsa verde aos molhos
Oh! tirana

Por causa de ti
Choram os meus olhos
Tricana

Pus-me a chorar saudade
Ao pé duma fonte um dia
Mais choravam os meus olhos
Que a própria fonte corria

Vai colher a Silva

Oh! olhos marotos
Que já foram meus
Agora são de outro
Paciência adeus

Vai colher a silva
Vai lindo amor vai
Se ela te picar
Não digas ai, ai
Não digas ai, ai
Não digas ai, ui
Vai colher a Silva
Que eu também fui

Oh! coração praias
Das embarcações
Onde desembarcam
As minhas paixões

Serpa do Alentejo

Cantigas de Serpa são
Bagos de trigo nascendo
São bocadinhos de pão
Que só nos sobram em morrendo

Oh! Serpa do Alentejo
És minha terra natal
És das vilas mais antigas
Que temos em Portugal

Que temos em Portugal
Das terras que eu mais invejo
És minha terra natal
Oh! Serpa do Alentejo

Das ruas que Serpa tem
P'ra mim a que tem mais graça
É a das Portas de Beja
Desde o arco até à Praça

Na rama do alecrim

Eu não sabia cantar
Ensinou-me o meu amor
Quando lhe pagarei eu
Esse tão grande favor

Já lá vem rompendo a aurora
Os campos são um jardim
Os passarinhos cantando
Na rama do alecrim

Na rama do alecrim
Ouvi eu há meia hora
Os passarinhos dizendo
Já lá vem rompendo a aurora

Alentejo, Alentejo

Eu sou devedor à terra
A terra me está devendo
A terra paga-me em vida
Eu pago à terra em morrendo

Alentejo, Alentejo,
Terra sagrada do pão
Hei-de ir ao Alentejo
Mesmo que seja no verão

Ver o doirado do trigo
Na imensa solidão
Alentejo, Alentejo
Terra sagrada do pão

Elementos que participaram na elaboração deste trabalho:

Carlos Carrasco - Carlos Paraiba

Domingos Rijo - Francisco Torrão

João Manuel - João Neca

Luis Ferreira - Luis Neves

Mário Apolinário - Vicente Cachopo

José Gonçalves - Manuel Mamede

António Gato - Carlos Fava

José da Graça - João Martins

António Lourenço - António Evaristo

José António - José Filipe

José Maria - Matias Galego

Domingos Camões - Helder Ferreira

Leonel Patrício

(Vasco Rodrigues e Domingos Pereira

não puderam participar, por razões profissionais)